



# CONFERÊNCIA DA FAMÍLIA FRANCISCANA

## VIVER SEGUNDO O EVANGELHO

### Carta da Conferência da Família Franciscana em preparação ao VIII Centenário da aprovação da Regra

A Família Franciscana - Primeira, Segunda e Terceira Ordens, em suas diversidades e nas diferentes formas, os Institutos Seculares e os outros movimentos que se referem a Francisco – se prepara para celebrar em 2009 um evento histórico particular. Não é questão de comemorar uma figura, Francisco, Clara ou qualquer outro, mas chamar de novo à nossa memória a origem do carisma franciscano. Com efeito, serão de fato oito séculos, no ano 2009, que uma dúzia de homens se apresentaram ao Papa Inocêncio III para pedir-lhe o reconhecimento e aprovação do seu projeto de vida evangélica. Quase vinte anos mais tarde (1226) o inspirador e guia deste grupo, Francisco de Assis, descreve assim, no seu Testamento, aquilo que sucedeu então: «E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou que devia fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o Senhor Papa mo confirmou » (Test 14 e 15). Os homens acolhidos em torno de Francisco se perguntavam *o que fazer*, sem que nenhum fosse capaz de indicá-lo, e eis que Deus mesmo os chama com a sua Palavra a *viver* o santo Evangelho de Cristo. Convencidos de que aquela era a vocação deles, desejaram submeter a sua decisão ao discernimento e à aprovação da Igreja representada pelo Papa de Roma. Prudente e pela primeira vez de forma oral, esta não faltou. O texto apresentado ao Papa – a *protoregra*: programa e descrição de uma vida mais que um regulamento – foi retomada, definida, enriquecida ao longo dos anos, daquela sob a forma da *Regra não Bulada* nas suas diversas versões, depois definitivamente confirmada com um escrito pontifício (*Regra Bulada 1223*) e lembrada por Francisco no seu Testamento (1226). Ainda que o texto diga respeito em primeiro lugar o grupo dos frades, como se verá em seguida, isso era aberto a todos os estados da vida cristã.

### ***O coração da vocação: a vida segundo o Evangelho***

Quando se trata de apresentar globalmente a Regra, de indicar em forma sucinta o conteúdo central, de dar um título, é sempre a palavra «Evangelho» que aparece em evidência: «Viver segundo a forma do santo Evangelho» (*Test 14*); «Esta é a vida do Evangelho de Jesus Cristo» (*Rnb Prol 2*); «a Regra e a vida dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo» (*Rb 1,1*). Alguns anos mais tarde (1253), quando Clara adapta a Regra de Francisco à vida das Irmãs Pobres, utilizará as mesmas expressões (*RCl 1,1*). Na *Carta aos fiéis* que apresenta um programa de vida, Francisco pede para observar «os preceitos e os conselhos» propostos por Cristo no seu Evangelho. Compreende-se que o termo «Evangelho» indica o coração da vocação franciscana, é a chave que abre o acesso ao imenso espaço da «boa nova» de Deus e de Jesus. Mas, qual conteúdo Francisco dá a este vocábulo e como nós hoje podemos e devemos compreendê-lo e colocá-lo em prática?

Quando nós lemos as Regras, considerando o conjunto dos textos de Francisco, constatamos que o Evangelho não é só levar a sério as exigências de uma vida fraterna, vivida numa pobreza radical – renúncia à propriedade coletiva ou pessoal, ao dinheiro, apelo à esmola –, mas, é sobretudo assumir o conceito de autoridade que Francisco propõe – mestres que se fazem servos, o lavar os pés –com o seu convite a fazer-se «menor», pequenos, submissos a todas as criaturas, irmãos de todos os homens. Aqui para Francisco está o coração da mensagem evangélica.

Por esta razão mais que a «pobreza, a humildade e o santo Evangelho de Jesus Cristo» (*Rb* 12,4; *RCl* 12,4), os frades no seu comportamento tomam como modelo a humildade de Deus, do Verbo do Pai, santo e glorioso, que fez-se carne pela nossa humanidade e fragilidade e escolheu a pobreza (cf *2Fi* 4-5). Nós descobrimos, portanto, que a visão de Francisco nos revela a face de Deus e o que é o homem precisamente tal como lhe oferece o Evangelho.

Esta «alegre e boa nova» nos leva, com efeito, em primeiro lugar, à revelação do mistério de *Deus-Trindade*, que pelo seu santo amor nos abriu o acesso à sua vida de comunhão e torna-se a primeira meta de todas as nossas buscas e de todos os nossos passos. E junto nos dá, pois, o *conhecimento de nós mesmos*, «a mais digna das criaturas» (*3In* 21), imagem e semelhança, na sua intimidade e no seu corpo, de Deus e de seu Cristo, de grande nobreza e, paradoxalmente, limitada, pobre, pequena, pecadora, e por causa disso chamada à «penitência» – conversão ao Evangelho –, nunca concluída, sempre a recomençar. *O amor do próximo* qualquer que seja, «amigo ou inimigo, ladrão ou assaltante, cristão ou não», é, com o amor por Deus e em igualdade com ele, uma outra decisão evangélica radical. Amor que deve ser concreto, eficaz, feito de humilde serviço, assinalado pela atenção «materna», excluindo todas as formas de domínio. Isto concede à criação uma verdadeira «fraternidade», o nome que Francisco dá ao primeiro grupo de frades. Desde a primeira realizada entre os irmãos, deve permanecer aberta e estender-se a todos os homens e junto a todos os seres e elementos do mundo.

São estes, em grandes traços, os elementos base alcançados no Evangelho, que Francisco propôs como caminho de vida. Reconhecendo-os como próprios e aprovando a Regra, há oito séculos, a Igreja deu origem ao movimento franciscano. São estes os valores que somos chamados a viver no início do terceiro milênio com as nossas riquezas e fraquezas. De frente a um mundo tecnológico e informático, em suas crises: guerras continuadas, terrorismo, pobreza, globalização, a fé cristã é exposta a todas as questões e desafios sobre Deus, seu entrar na História com a pessoa de Jesus, a diversidade das religiões e de suas relações, sobre a natureza do ser do homem e sobre o sentido da vida e da morte. Esta situação de crise é ao mesmo tempo um grande desafio para que a Igreja viva a nova evangelização e para que a Família Franciscana viva a própria identidade, consciente de que o seu posto e a sua incidência são considerados frágeis e contestáveis. A nossa Família Franciscana está debilitada, em particular no mundo europeu, por causa da sua diminuição numérica, das incertezas sobre nossa identidade e com a tentação de retirar-se e de desencorajar-se. Todavia, a mesma identidade franciscana permanece um desafio para o mundo! É o nosso referir-se ao Evangelho, do qual a Regra é como o resumo, que somente pode nos ajudar a responder com confiança, criatividade e coragem aos muitos e múltiplos desafios.

### ***O Evangelho para todos***

A celebração do VIII centenário da aprovação da Regra primitiva – a «protoregra» –envolve evidentemente em primeiro lugar os frades da Primeira Ordem, que com a sua profissão se empenham em colocá-la como fundamento de sua vida pessoal e comunitária. Mas o âmago deste texto – a sua referência ao Evangelho é de fato a sua permanente riqueza – se destina a todos os cristãos e de modo especial aos filhos de Francisco. O apelo para viver radicalmente a mensagem de

Jesus, as suas promessas e as suas exigências, que Francisco e os seus companheiros tinham compreendido e seguido, resulta em atualidade para todos os tempos e para todos os estados de vida.

De fato, apenas alguns anos depois, em 1212, Clara de Assis foi tocada e mais tarde (1252), para dar origem, à Ordem das Irmãs Pobres, tomará em quase toda a sua integridade a Regra de Francisco. Por outro lado, logo depois, indivíduos e grupos, homens e mulheres, vivendo no seu estado de vida – família, profissão – foram atraídos pela proposta evangélica franciscana, como nos testemunham alguns escritos que Francisco escreveu a eles: as duas *Cartas aos fiéis*, assim como o conteúdo do capítulo 23 da *Regra não bulada*, que constituíram a base e a referência espiritual, da qual derivará com o tempo a *Ordem Terceira Franciscana*. Em nossos dias a Família Franciscana se compõe ainda destes três ramos: os Frades Menores, distribuídos nas três obediências: as Irmãs Pobres – Clarissas; o grupo, o mais numeroso, chamado «Terceira Ordem», na sua componente religiosa, irmãs e irmãos da Terceira Ordem Regular, TOR e na sua componente secular, a Ordem Franciscana Secular, OFS. A estes devemos juntar os membros dos Institutos Seculares franciscanos nascidos no século passado. Todos se referem explicitamente à inspiração evangélica de Francisco e receberam os seus textos espirituais como base para a sua legislação. Sinal de irradiação da proposta evangélica franciscana é a existência fora da comunhão com a Igreja Católica, dentro das Igrejas anglicana e luterana, das comunidades de homens e de mulheres que se denominam e são de inspiração franciscana. Ao lado desta família de contornos jurídicos definidos, muitos homens e mulheres se interessam pelo carisma franciscano, o estudam, se inspiram: são todos os amigos de Francisco.

O vento que Francisco e os seus frades tem feito levantar, continua a animar a Igreja e toca a todos os cristãos e «todos os homens de boa vontade». Assim, este centenário pertence a todos.

### ***Três passos para preparar o Centenário***

Sejam enviados todos e imediatamente a *ação de graças* pelo dom que Deus fez, a nós e a sua Igreja, chamando os cristãos, por intercessão de Francisco e dos seus companheiros, a acolher a totalidade do Evangelho de Jesus Cristo para um novo viver. Este chamado – a graça da origem – não cessou de ressoar, de ser entendido, de exprimir-se dentro da vida, e depois de oito séculos, alcança uma multidão inumerável de homens e de mulheres de cada condição e estado de vida. Tantos homens e mulheres ilustres ou desconhecidos têm produzido frutos de santidade, de sabedoria, de ciência, de identidade com os pobres, de serviço à Igreja e à humanidade, de martírio de sangue. Difundindo-se e enriquecendo-se ao longo dos séculos com inúmeras contribuições, a corrente espiritual franciscana, como um rio de vida, nunca deixou de nos irrigar e a própria Igreja. Hoje, neste momento do terceiro milênio, graças a um melhor conhecimento dos escritos de Francisco, numa visão mais precisa e mais ampla daquela que é o centro do seu projeto originário, a sua mensagem nos é proposta como estímulo, encorajamento e pão para o caminho.

A esta alegre ação de graças ocorre, porém, unir o simples *reconhecimento da distância* entre a proposta evangélica e o modo com a qual é vista no curso da nossa longa e tumultuosa história. Não obstante o esforço permanente de retomada e de “reformas”, o nosso movimento não está ainda a altura das exigências do Evangelho. Se não temos nada a acusar, nada a condenar aos nossos pais, devemos reconhecer diante da Igreja e do mundo que a nossa história e a nossa hereditariedade traz consigo suas sombras, tanto do passado como para o presente.

Este duplo movimento – ações de graças pelo chamar novamente a viver o Evangelho e a purificação da memória como reconhecimento das sombras da nossa família – deve nos levar a *afrontar o desafio da refundação*. A experiência de oito séculos nos ensina que, como Francisco,

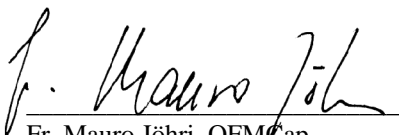
temos sempre que retomar de novo o nosso itinerário de penitência evangélica que é a conversão, por em prática com gestos concretos para encarnar com a vida, pessoal e comunitária de cada dia, qualquer coisa da novidade e da juventude do Evangelho. Desde o primeiro século da nossa história, não temos cessado de “renascer”. (cf. *Jo 3,3*), como é testemunhado ainda hoje pelos nossos diferentes ramos e pelas centenas dos nossos Institutos. E é por isto que devemos alcançar as raízes, os “fundamentos”, ou seja, descobrir a maravilha da “força de Deus”, o Evangelho (*Rm 1,16*), a boa nova do Amor de Deus por nós e da comunhão com Ele, que a nós se oferece. Só sobre tal fundamento se pode construir um edifício sólido, uma verdadeira comunidade em missão na Igreja e no mundo. Este momento de graça - *kairós* - que vivemos no presente, nos coloca à prova, nos revelando a nossa fraqueza, mas nos convidando sobretudo a contar com o poder de Deus.

### **Conclusão**

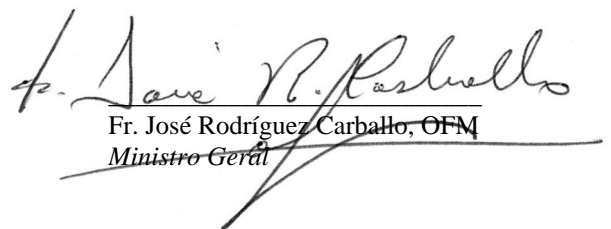
Esta nossa Carta deseja ser um primeiro anúncio. O fazemos com três anos de antecipação para afirmar que o evento que nos propomos a celebrar atinge a todos nós: não podemos vivê-lo cada um por conta própria! É também um convite para começar desde já a render graças pelo dom que Deus deu à Igreja e ao mundo, desde quando o projeto de Francisco e dos seus frades de viver “segundo o Evangelho de Jesus Cristo”, foi aprovado em 1209, pelo Papa Inocêncio III. Nós temos há oito séculos a graça de ser os herdeiros deste projeto e o sério empenho de sermos os continuadores.

Irmãos e Irmãs, “restituamos ao Senhor Deus Altíssimo e Sumo Bem, Todo Bem e reconheçamos que todos os bens são seus, e de tudo rendamos graças a Ele, do qual procede todo bem” (*Rnb 17,17*).

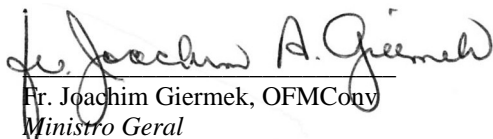
Roma, 29 de novembro de 2006  
*Festa de todos os Santos Franciscanos*



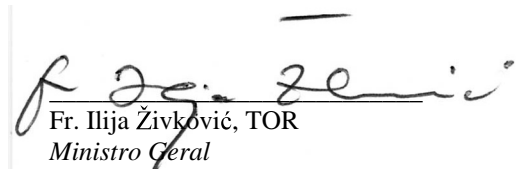
Fr. Mauro Jöhri, OFM<sup>Cap</sup>  
Ministro Geral  
Presidente CFF



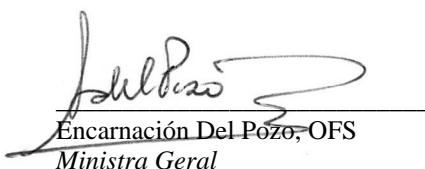
Fr. José Rodríguez Carballo, OFM  
Ministro Geral



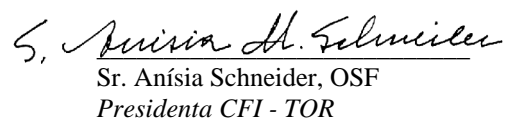
Fr. Joachim Giermek, OFM<sup>Conv</sup>  
Ministro Geral



Fr. Ilija Živković, TOR  
Ministro Geral



Encarnación Del Pozo, OFS  
Ministra Geral



Sr. Anísia Schneider, OSF  
Presidenta CFI - TOR